

9. Os prantos de um enteado e a ingratidão de uma madastra.
Editor: Proprietário: João José Silva.
10. O verdadeiro romance dos dois amantes do ar.
Autor: Manoel Serafim.
11. A mendinga da Estrada e os milagres do Padre Cicero.
Autor: João José da Silva.
12. A embolada da Velha Chica.
Autor: Francisco Sales Arêda.
13. O grande debate de Lampeão com S. Pedro.
Autor: José Pachêco.
14. Carta de Satanás a Roberto Carlos.
Autor: Enéias Tavares Santos.
15. A intriga do cachorro com o gato.
Autor: José Pachêco.
16. A mãe de calor de figo.
Autor: José Pachêco.
17. Discussão dum fiscal com uma fateira.
Autor: Manoel de Assis Campina.
18. O velho que enganou o diabo.
Autor: (?)

Como se pode constatar, êsse 18 textos versam sôbre diferentes aspectos da vida do povo do Nordeste, se enquadrando alguns dentro da categoria (ou do ciclo) circunstancial, do religioso e da moralidade, do satírico e picaresco, etc. Alguns dêstes relatos são de autoria do mesmo poeta popular, como é o caso de José Pacheco, que assina 4 títulos dessa lista.

Esperamos que se prossiga a compilação dêsse rico material do romanceliro popular do Nordeste, e que a referida Monografia, da qual o presente volume constitui parte, não caia nas mesmas imprecisões e falhas assinaladas no início desta resenha.
— LUÍZ MOTT.

"A CIDADE DAS MULHERES" — Ruth Landes. Tradução de Maria Lúcia do Eirado Silva. Série "Retratos do Brasil", volume 61. Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1967.

Para os estudiosos dos costumes brasileiros o livro de Ruth Landes, *A Cidade das Mulheres*, oferece uma excelente oportunidade para a verificação de uma coleta de dados feita com cuidado e minúcia, no decorrer dos anos de 1938-1939, em Salvador da Bahia. A realização de uma pesquisa antropológica, dirigida pela autora, sob o patrocínio da Universidade americana de Colúmbia, contribuiu grandemente para o material que constitui o conteúdo do livro. Usando a definição da própria autora, trata-se da apresentação de uma crônica, "crônica juvenil da maravilhosa Bahia".

A oportunidade da publicação é indiscutível. Sua omissão privaria um bom número de interessados de participar em observações reais, feitas com método e persistência e que, se apenas tivessem sido registradas num relatório de pesquisa e arquivadas como material de consulta, talvez não chegassem, como agora, ao conhecimento de um círculo mais amplo de leitores.

O tema central das observações de Ruth Landes mostra, claramente, que o móvel condutor de seu trabalho é a questão racial, o problema do negro, cuja intensidade percebia profundamente nos Estados Unidos, como relata em seu primeiro capítulo.

É apenas acidentalmente que seu livro se tornou uma contribuição à compreensão do papel da mulher nas camadas observadas, e ao fenômeno religioso manifestado nestes mesmos grupos com os quais manteve contacto. Fôsem outras as tónicas do grupo negro da Bahia e seus estudos teriam se afastado do problema feminino e da manifestação religiosa. No entanto, ao tentar uma comparação de comportamentos entre os negros dos Estados Unidos e os do Brasil, obtivemos descrições pormenorizadas do matriarcado religioso existente na Bahia, nos templos de candomblé. Daí a "Cidade das Mulheres" ter sido o título escolhido para o livro.

O estilo que a autora adotou foi realmente o de crônicas, coloridas de diálogos e de descrições muito vivas que mantêm sempre acordada a atenção do leitor. Aliás, é atrás dos bastidores literários que se encontram os pontos importantes do retrato obtido, pelo contacto direto com o povo, de alguns aspectos do Brasil.

Como resultado de suas observações somos levados a crer na inexistência de discriminação baseada somente na cor. Não lhe passaram despercebidas as dificuldades sociais e políticas e ainda, fatores comuns a brancos e mulatos do mesmo nível de classe.

Sendo a religião a principal expressão social com que os negros se afirmaram em suas tradições, e encontraram fórmulas de combiná-las com o ambiente da América, é óbvio que ocupa lugar de grande importância a descrição do culto religioso cujos aspectos principais, segundo a versão da autora, encontram-se em chelo no candomblé, culto fetichista africano organizado então em oitenta casas de culto e envolvendo a maioria das centenas de milhares de negros do local e dos arredores. Dentre as divindades cultuadas no oeste africano pelos iorubás (nagôs, segundo os balanos), membros de uma das grandes tribos da Nigéria, dos quais são descendentes grandes levas de escravos aqui aportados, contam-se várias delas em pleno candomblé: Oxalá, Xangô, Oxun, Ogun, Omolu, Oxóce, Iansã, Iemanjá, etc. O exercício do sacerdócio nagô é quase exclusivo privilégio das mulheres. Segundo a tradição, só estas estão aptas a tratar com as divindades enquanto o serviço masculino é impróprio e até blasfemo. Ainda assim contam-se alguns sacerdotes mas em proporções muito pequenas como a de um para cinquenta sacerdotisas.

As casas de culto, visitadas ao menos uma vez por mês pela vizinhança, constituem o mundo onde se desenvolve o candomblé. Ali residem as "mães-de-santo" (Yalorixás) cercadas pelas sacerdotisas de menor graduação. Todo problema difícil é levado às "mães", cuja fama se espalha até a alta sociedade que também lhes envia um certo contingente de brancos, ávidos de novidades e de mistérios.

Outrora os cultos nagôs tinham ligações com advinhos e feiticeiros, homens que, no entanto, não eram chefes de culto. Ainda vivia um deles, nessa época, conhecido por babalaô. Seu papel é tão acatado quanto o da "mãe" e é recebido nas cerimônias culturais com profundas reverências e beija-mão.

Na estrutura do culto há também os ogãs, verdadeiros protetores dos quais se espera uma subvenção para as cerimônias, além do cuidado em manter os templos em bom estado. As vezes assume o papel de defender o culto ante a polícia. Entre os ogãs, não raro se encontram homens brancos e ricos. Os conflitos internos nas casas de culto nagô são, em geral, movidos pela ambição de mulheres desejosas de se tornarem "mães". Daí surgirem novas casas e pequenas variações rituais. O culto caboclo apareceu do rompimento produzido, no passado, por Silvana, "mãe-de-santo" nagô. Apossando-se do termo caboclo (mistura de índio e branco), afirmava

ter visões dos antigos índios brasileiros. Suas idéias cismáticas tiveram imediato êxito, dado o seu prestígio de filha nagô. Os cultos caboclos relaxaram muito as restrições que cercavam as "mães". O afastamento mais radical da tradição nagô consistia no fato dos homens poderem vir a ser chefes do culto.

Todo este esquema é proposto ao leitor através de contactos com personagens como as mães afamadas "mães-de-santo": Pulquéria, Maximiana, Flaviana, Menininha e sua assistente Hilda. Importante fonte de informações se esconde também na figura do babalaô Martiniano e na de Sabina que aparece presidindo o ritual marítimo em homenagem a Iemanjá, no qual a autora esteve presente e do qual nos deixou uma rica descrição em um dos capítulos.

Num apêndice, encontramos três artigos de interesse para o estudo do negro no Brasil: "Matriarcado cultural e Homossexualidade Masculina", "O culto fetichista no Brasil" e "Escravidão negra e status feminino", que sintetizam os principais pontos das observações da autora e contribuem, num nível mais profundo, para o estudo do problema racial, tão discutido e sempre de grande interesse para antropólogos e sociólogos. — MARIA THEREZA CAIUBY CRESCENTI.

